

OXIGÊNIO

NOVEMBRO 2020



NÚMERO 15

JAMIE HARKINS
A potência da arte efêmera



Quase chegando ao fim do *horribilis 2020*, o mais imprevisível dos últimos 100 anos.

Embora *reinvenção* se tenha transformado em palavra de ordem, é importante nos vigiarmos para não esquecer tudo, quando tudo passar. Nem o bom nem o ruim porque, apesar de tudo, nesse *anno horribilis*, eles se complementaram. Talvez nunca tenhamos aprendido tanta coisa em tão pouco tempo.

Esperemos que o que fique seja o aprendizado: a empatia, a generosidade, a compaixão, o compartilhamento. As **coisas boas**. Esse é o eixo principal e o foco da Oxiênio Revista.

Tudo começa dentro de cada um de nós. Não temos que sofrer para chegar ao paraíso, nem penar para conseguir algo de bom: temos que ter algo de bom dentro de nós para transmiti-lo para fora. E aí então é só “*levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima*”.

E seguir *driblando as marés* como o artista neozelandês Jamie Harkins; agarrados ao sofá para a quarta temporada de *The Crown*; passear pelo *Fabuloso Universo de Tomo Koizumi*; visitar, obedecendo rigorosamente todos os protocolos do *Minas Consciente*, a 1ª FLITI – Feira Literária de Tiradentes.

Tem ainda o traço singular e plural de Alexandre de Castro por Marco Tulio Resende; direto de Londres a arte e a natureza em harmonia; *1º Prêmio Machado Darkside* e *Polaridades* na Casa do Objeto Brasileiro.

E... Ossaouira, pra lá de Marrakech!

Viu só quanta coisa boa? Boa leitura!

O ÍNDICE

04

OXIGENE: *The Crown* – A quarta temporada estreia dia 15 com Margaret Thatcher e Princesa Diana | *1º Prêmio Machado Darkside* – A palavra em todas as formas
Joia Contemporânea Brasil Finlândia – *Polaridades*, na Casa do Ojeto Brasileiro

09

ARTISTA INDICA ARTISTA: O traço singular e plural de Alexandre de Castro por Marco Tulio Resende

12

MODA: Exposição inédita *O Fabuloso Universo de Tomo Koizumi* na Japan House / SP

15

TURISMO: Essaouira, pra lá de Marrakech

21

ARTE NA PRAIA: Driblando as marés

27

LITERATURA / GASTRONOMIA: 1ª FLITI – Feira Literária de Tiradentes
Filho de mineiro, *uai*, mineiro é! | Comendo com letras

32

DIRETO DE LONDRES: “A arte é uma harmonia paralela à natureza” (*Paul Cézanne*)

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: Antonella Kann e Marco Tulio Resende | Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.



Foto: *Still* do *teaser* de divulgação

THE CROWN

A QUARTA TEMPORADA ESTREIA DIA 15 COM MARGARET THATCHER E PRINCESA DIANA

Uma das séries mais aclamadas da plataforma de *streaming* Netflix inicia sua quarta temporada nos anos 1970. O grande destaque é a apresentação de Margaret Thatcher (Gillian Anderson) e Princesa Diana (Emma Corrin).

A Família Real começa a se preocupar com a linha sucessória e busca uma noiva para o Príncipe Charles (Josh O'Connor). A temporada também vai mostrar a relação conturbada entre a Rainha Elizabeth (Olivia Colman)

e Thatcher, além do começo do romance de Charles com Diana (Corrin).

A quarta temporada de *"The Crown"* será a última com o elenco atual, incluindo Colman e Helena Bonham Carter (Princesa Margaret). Mas outras duas levadas de episódios irão finalizar a produção da Netflix. As filmagens ocorreram antes do agravamento da pandemia do coronavírus e agora haverá uma pausa mais longa – a quinta temporada deve chegar só em 2022.

Para o criador da série, Peter Morgan, a escolha da novata Emma Corrin, de 24 anos, se deu porque, *"além de ter a inocência e a beleza de uma jovem Diana, também tem, em abundância, o alcance e a complexidade para retratar uma personagem extraordinária, que passou de adolescente anônima à mulher mais icônica de sua geração"*.

Já Gillian Anderson interpreta Margaret Thatcher, Primeira-Ministra do Reino Unido de 1979 a 1990 e Líder da Oposição entre 1975 e 1979. Foi a Primeira-Ministra com o maior período no cargo durante o século XX e a primeira mulher a ocupá-lo.

As relações entre a rainha e a Primeira-Ministra eram meticulosamente corretas embora, como duas mulheres de idade muito similar (a Sra. Thatcher tinha seis meses de idade a mais) ocupando posições paralelas no topo da pirâmide social – uma chefe de go-

verno, a outra chefe de estado – elas deveriam ser, de certo modo, rivais.



Foto: Still do teaser de divulgação

O elenco da fase final da série vai incluir Imelda Staunton (*"Harry Potter"*) como Elizabeth; Lesley Manville (*"Trama Fantasma"*) como Margaret; Jonathan Pryce (*"Dois Papas"*) como Phillip; e Elizabeth Debicki (*"Guardiões da Galáxia Vol. 2"*) como Diana.

Veja o *teaser* oficial em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pC2wPuBqyb4>



Foto: Divulgação

**1º PRÊMIO
MACHADO
DARKSIDE DE
LITERATURA
+ QUADRINHOS
+ OUTRAS
NARRATIVAS**

A PALAVRA EM TODAS AS FORMAS

A DarkSide Books, primeira editora brasileira inteiramente dedicada ao terror, fantasia e suspense promove o 1º Prêmio Machado Darkside que selecionou textos e projetos originais e inéditos para revelar ao leitor histórias únicas e 100% nacionais



Os vencedores das cinco categorias, bem como os influenciadores literários votados pelo público, serão revelados no dia 13 e receberão, ao todo, 100 mil reais.

As categorias são: romances ou coletâneas de contos inéditos; projetos inéditos de quadrinhos; biografias, documentos históricos, pesquisas/monografias; audiovisual, *podcasts*, poesia, teatro, música, jogos e todas as formas onde a palavra se manifesta, e desenvolvimento de projetos, categoria exclusiva para receber a *Mentoria DarkSide* em projetos não finalizados.

Além disso, a editora e seus parceiros farão uma homenagem aos profissionais que ajudam a propagar o amor pelos livros através da *Menção Honrosa para Influ-*

ciadores Literários que contribuem para o desenvolvimento da nova geração de leitores e que ajudam a propagar o amor pelos livros.

A legião de fãs busca na *DarkSide* as preciosidades de um catálogo diversificado, que aposta em revelações da literatura mundial, premiadas no exterior (como Andrew Pyper, Caitlín R. Kiernan e Keith Donohue), em ícones do universo do terror e da fantasia (como Robert Bloch, Stephen King e Jim Henson) e em obras-primas que continuavam inéditas no país como *Fábrica de Vespas*, o premiado livro do autor Iain Banks.

Mais informações em:
darksidebooks.com.br

Joia

Contemporânea

Brasil _ Finlândia:

Polaridades

MUSEU A CASA DO OBJETO BRASILEIRO



Alice Floriano

Foto: Divulgação

POLARIDADES, exposição que A CASA MUSEU DO OBJETO BRASILEIRO realiza, a partir do dia 6, busca criar uma conexão entre dois pontos fisicamente distantes do planeta Terra.

Com curadoria de Miriam Mirna Korolkovas, Kika Rufino, Helena Lehtinen e Eija Mustonen, a mostra apresenta o trabalho de 36 artistas especializados na arte joalheira, sendo 20 brasileiros e 16 finlandeses.

Na sua 5ª edição (a iniciativa teve início em 2011), a exposição busca iluminar trabalhos de joalheria que consigam promover a união entre artes, artesanato e design. Neste ano, a joalheira Nazareth Pacheco é a artista homenageada.

Segundo as curadoras, metais, gemas, madeira, couro, fibras vegetais, tecidos e outros materiais dialogam com uma ampla variedade de cores e formas. “Esta integração de elementos – ora contrastantes, ora complementares – e disponíveis tanto no Brasil, quanto na Finlândia, se reflete em objetos dotados de personalidade e com o objetivo de provocar reflexões sobre adornos, originalidade, materiais e indumentária”, afirma Miriam Mirna Korolkovas.



Minna Markkanen

Foto: Divulgação

Em 2018, Miriam Mirna apresentou o trabalho de 36 artistas brasileiros na *Trienal de Joalheria Koru6*, em Helsink. A recepção finlandesa ao trabalho dos brasileiros estreitou os laços entre a produção joalheira dos dois países, o que fez com que o Museu A CASA agora receba os 16 trabalhos da Finlândia.

“Embora o Museu A CASA seja voltado ao desenvolvimento do artesanato e do design brasileiros, nós temos certa tradição em receber trabalhos de fora do país e colocá-los em diálogo com os

nossos artistas. No caso da joia contemporânea, nosso interesse está na intenção que é colocada na peça e a matéria-prima utilizada faz parte desta intenção”, esclarece Renata Mellão, diretora do Museu.

Durante a abertura ainda está prevista uma *performance* corporal e musical da artista Lucilene Moreira e do músico e percussionista Caíto Marcondes. Como parte de sua programação paralela haverá uma mesa redonda com alguns dos artistas da mostra. Do Brasil, os participantes são Alice Floriano, Ana Passos, Lívia Mourão, Bémok Kapayó, Eneida Sanches, além das curadoras Kika Rufino e Miriam Mirna Korolkovas. Da Finlândia participarão Kirsi Manninen, Wiebke Pandikow, Tiina Rajakallio, Ulla Ahola, e Hanna Ryyänen. O evento ocorrerá na plataforma *Zoom*, no sábado, dia 7, às 15h.

A mostra poderá ser visitada entre os dias 7 e 29 na sede do museu A CASA, em Pinheiros, São Paulo. A instituição adota todas as medidas obrigatórias para proteção contra o COVID-19, como medição de temperatura e uso obrigatório de máscaras.



Da esquerda para a direita: Elina Honkanen, Tarja Tuupanen e Nazareth Pacheco

SERVIÇO

Exposição Joia Contemporânea Brasileira _ Polaridades

Mais informações em:

https://acasa.org.br/exposicoes/exposicao-joia-contemporanea-brasil_finlandia-polaridades/

Participantes:

Artista Homenageada: Nazareth Pacheco

Alice Floriano | ANK | Ana Calbucci | Andrea Borges | Anna Rikkinen | Carolina Gomes | Elina Honkanen | Germana Arthuso | Gloria Corbetta | Hanna Ryyänen | Luçana Mouco | Janna Syvänoja | Jenni Sokura | João Pedro Vellaco | Josette Barban | Jussi Järvinen | Kika Rufino | Kirsi Manninen | Lucia Higucchi | Luiza Hermeto | Maria Nuutinen | Minna Karhu | Minna Markkanen | Miriam Mamber | Miriam Pappalardo | Nina Lima | Nelli Tanner | Patrícia de Paula | Renata Meirelles | Renata Mellão | Sirja Knaapi | Tarja Tuupanen | Tiina Rajakallio | Ulla Ahola | Wiebke Pandikow

Abertura: 6 de novembro de 2020, das 19h00 às 22h00

(Coquetel) – *Valet* no Local

Período de exposição: de 7 a 29 de novembro de 2020

Visitação: de terça a domingo, das 10h às 18h30

Museu A CASA – Avenida Pedroso de Moraes, 1216, Pinheiros/SP

Mesa Redonda: 7 de novembro, sábado, às 15h
Pela plataforma *Zoom*



Fotos: Divulgação



Sacrifício do bode

Foto: Divulgação

O desenho é uma ferramenta de natureza intelectual de grande importância na vida das pessoas e artistas, pertence a nossa ancestralidade racional no sentido de perceber e tentar comunicar através de sinais, signos e imagens do pensamento e da alma.

Ele está presente em tudo o que nos cerca, nas formas dos objetos, no registro de fatos, no rabisco despretenhoso no canto de uma folha. Através dele podemos

O traço singular
e plural de
**ALEXANDRE
DE CASTRO**
por
**MARCO TULIO
RESENDE**

organizar nossas ideias, decodificar nossos pensamentos de maneira simples e rápida.

Desenhar antecede a criação da letra e do alfabeto e nesse sentido é perene e produtor de tudo que imaginamos e criamos. Através do desenho estamos não apenas desenvolvendo símbolos gráficos, mas também produzindo ideias, questionamentos, dúvidas e pensamentos.

As intrigantes e densas imagens do artista Alexandre de Castro nos revelam um olhar inquieto e questionador, resultando numa representação de padrões gráficos complexos, cheios de pontos, linhas, manchas e hachuras, que nos remetem a representações do imaginário.

Além de dar vida e possibilitar “encarnações” em objetos, animais, plantas ou até mesmo em seres humanos, o artista possui outra característica peculiar: a de inserir alma a estes personagens através de signos antropomórficos imbuídos de complexos significados e alegorias criadas por motivações sociais, culturais, artísticas e cotidianas.

O artista revela através do desenho um universo poético e atemporal, à medida que a partir do risco, traço ou linha se reinventa como escrita e diário de um mundo imaginário onde sonhos e pesadelos se mesclam, talvez como necessidade de resposta a eterna pergunta: Quem somos e para onde vamos?

Em seus desenhos, os personagens habitam um espaço esvaziado e contínuo causando uma sensação onírica, herdeira de um certo tipo de sonho ou fantasia absurda. Entretanto, essa primeira impressão logo se desfaz quando a grande quantidade de informações se mostra ávida a ser assimilada. Tal característica insere o trabalho em um eixo da produção artística atual com o uso da imaginação e da invenção.

Nesse sentido, Alexandre de Castro reinventa e é contemporâneo. Ele cria obras com o uso de interrupções, texturas e repetições para dar luz a imagens geométricas e figurativas, trabalhadas de maneira gráfica com linhas que sobressaem e se tornam manchas e sequências de pontos em diferentes quantidades, espessuras e espaçamentos. Seu trabalho nos envolve em efeitos de tons e sombras, a partir do desenho de traços paralelos próximos, dando a sensação de que quando duas linhas se encontram temos um ponto e quando vários pontos se alinham temos uma nova linha, um novo ritmo, formas e contornos.

Se tudo começa com uma linha, temos que concordar com Kandinsky quando disse que “o desenho é apenas

Iguana cabeça em execução
Foto: Divulgação





Sem título

Foto: Divulgação

uma linha que diz tudo". Sendo a imaginação e a linha componentes fundamentais no trabalho de Alexandre de Castro, o nosso olhar percorre nas obras o caminho do traço que guia até a própria imagem, destacando o espaço proporcionado pelas interrupções e repetições, o que sugere tempo e movimento, continuidade e noções rítmicas.

Esta relação entre tempo e espaço permite ao artista dirigir a linha e dar-lhe o caráter expressivo, conotando geralmente um tom de leveza e fragilidade. É a linha, por sinal, que confere ao seu desenho uma natureza mais analítica. Isso porque a linha não existe na natureza, no espaço real: é fruto da interpretação e abstração do homem. Percebemos as linhas de contorno das coisas, mas elas não existem de fato. Elas só se tornam concretas através da concepção humana. Sua versatilidade possibilita ainda uma decodificação mais rápida do pensamento abstrato, para um contexto visual, reafirmando o temperamento intelectual do desenho.

Em suas obras, Alexandre de Castro encontrou uma maneira peculiar de retratar monstros, bestas, seres imaginários, animais e humanos na mesma criatura. Explo-



7 iguanas

Foto: Divulgação

rando imagens antropomórficas presentes no seu imaginário, que nos remetem aos "Bestiários" da Idade Média (gênero popular para a descrição do mundo animal – que também demonstra uma intenção moralizante, fundamentada na ideia de que tudo na natureza é motivo de ensinamento útil à salvação do homem), nos mostra que a tradição não se perde. Ela vive e sobrevive, como na expressão latina, "nihil novi" ("não há nada de novo"): as coisas esquecidas devem ser repetidas para que sensivelmente nos percebamos como ser e espécie.

O artista também usa de forma criativa a narrativa da metamorfose fantasiosa, para criar um debate sobre o lugar da arte na sociedade. Seus trabalhos transitam entre o onírico e o sarcástico, nos mostrando uma poética crítica que rompe com a primazia da compreensão racional, sem diferenciação entre sonho e realidade ou entre lucidez e delírio, porque transcende a compreensão racional e relaciona-se com o inconsciente, o imaginário e o absurdo.

Alexandre de Castro é Bacharel em Artes Visuais, com especialização em Desenho pela UFMG.

www.alexandredecastro.com

Marco Tulio Resende é Artista Plástico e Professor.

Exposição inédita
O FABULOSO UNIVERSO DE TOMO KOIZUMI
na Japan House São Paulo



Panorâmica da exposição

Fotos: Alisson Louback

Treze surpreendentes criações do designer de vestidos Tomo Koizumi compõem a exposição que ficará em cartaz até 10 de janeiro de 2021. O estilista, que realizou sua impactante estreia na Semana de Moda de Nova Iorque no ano passado, produziu três peças especialmente para a mostra em São Paulo

Destaque na semana de moda de Nova Iorque de 2019, o jovem artista Tomo Koizumi vem conquistando respeito e admiração no mundo *fashion* com suas criações famosas pelo encantamento, em produções únicas feitas com 50m a 100m de organza japonesa cada uma, trazendo cores e volumes extravagantes, que representam o seu universo recheado de criatividade.

Nascido na província de Chiba, o designer de vestidos de 32 anos foi descoberto pelo dono de uma loja de varejo que ficou encantado pelas roupas produzidas por ele, ainda quando era estudante universitário. Fundou a sua marca “Tomo Koizumi” e, antes de sua ascensão, trabalhou como figurinista para diversos designers japoneses.

Em 2016, teve uma de suas peças usada pela cantora Lady Gaga durante uma visita ao Japão. Dois anos depois, Katie Grand (na época, editora-chefe da revista LOVE) descobriu seu perfil no Instagram, ficou obcecada por seu trabalho e usou seus melhores contatos para orquestrar um desfile do artista na semana de moda de Nova Iorque, com apoio de Marc Jacobs e um time de peso. Para este ponto marcante de sua carreira, Tomo Koizumi levou à passarela seus enormes vestidos volumosos e coloridos, meticulosamente cortados por ele e que fizeram sua carreira no mundo da moda decolar. Como resultado, destaque nos principais veículos de imprensa e nas redes sociais de todo o mundo.



Peças inéditas produzidas para a exposição na Japan House São Paulo



Foto: Alisson Louback

Para a exposição, além das 13 peças significativas na carreira do artista, incluindo três criadas exclusivamente para esta mostra, o público também poderá assistir ao icônico vídeo do desfile em Nova Iorque e detalhes que mostram um pouco dos bastidores criativos e da história meteórica desse estilista.

“Tomo Koizumi é extravagante, surpreendente, criativo, vibrante. Suas peças são o perfeito encontro da intimidade do trabalho manual ao glamour, sofisticação e teatralidade. Para criar peças de grande impacto, bebe e mescla fontes tradicionais e populares do Japão como os mangás, robôs e o estilo Lolita”, comenta Natasha Barzaghi Geenen, Diretora Cultural da Japan House São Paulo.

Para todas as idades, a exposição *“O fabuloso universo de Tomo Koizumi”* promete cativar tanto os amantes da

moda como o público em geral, por meio de um panorama pela moda contemporânea com o olhar de um artista que foge das tendências tradicionais e ousa em cada corte de tecido.

Finalista do prêmio LVMH em fevereiro de 2020, Tomo Koizumi é considerado hoje um dos principais jovens designers do Japão e veste celebridades internacionais com as suas peças em eventos de gala e *red carpet*.

SERVIÇO

Até 10 de janeiro de 2021

Japan House São Paulo – Avenida Paulista, 52 – Térreo

Entrada gratuita

Reserva online antecipada (opcional):

<https://agendamento.japanhousesp.com.br/>

Horário de funcionamento:

Terça-feira a Domingo, das 11h às 17h

Site: www.japanhouse.jp/saopaulo

ESSAOUIRA, PRA LÁ DE MARRAKECH



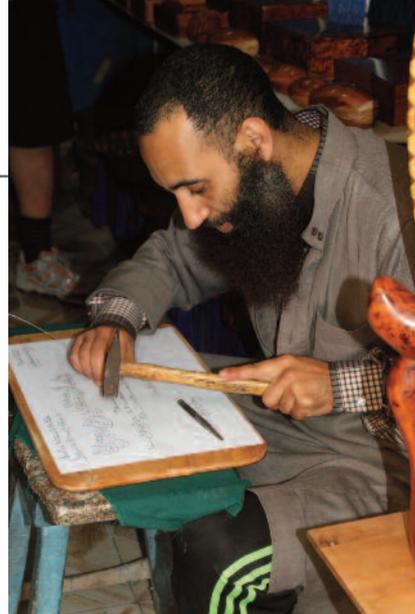
Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com

Aninhada na beira do Atlântico e sem o clima de ebulção como em outras cidades marroquinas, Essaouira parece muito mais remota do que as duas horas que a separam de Marrakech. Felizmente, preserva uma personalidade distinta.



Há mais de 20 anos, conheci o Marrocos quase por inteiro. No entanto, dentre todas as medinas em que nos embrenhamos e todos os *souks* que bisbilhotamos, uma das cidades mais cativantes foi mesmo Essaouira, ainda hoje conhecida

por seu nome lusitano – Mogador, herança deixada pelos portugueses que, no comecinho do século XVI, ancoraram neste pequeno porto encravado entre Agadir e Casablanca e o mantiveram sob o seu domínio de 1506 a 1510.



Localizado na costa sudoeste, alinhavado pelo Atlântico, representava uma parada estratégica e obrigatória para a frota de navios mercantes que transitava rumo a uma colônia recém-descoberta: o Brasil. No mundo moderno, a região deve a sua fama internacional às ininterruptas rajadas de vento, razão pela qual se tornou o nicho perfeito para a prática de esportes náuticos.

Essaouira atrai praticantes de *wind* e *kitesurf* para as suas praias semidesertas. E, mesmo chamando cada vez mais a atenção dos viajantes, consegue a proeza de

figurar como um destino que ainda se mantém ao largo dos holofotes. De fato, neste sítio que hoje é Patrimônio da Unesco e considerado como o lugar mais tranquilo de todo o Marrocos, reencontrei a mesma serenidade de duas décadas atrás.

Os seus atributos permanecem tão extensos como no passado. Todas as estações são generosas, com sol a pino, pouca chuva, e temperaturas que oscilam entre 18°C e 25°C a qualquer época. A atmosfera fervilhante dentro da Medina, ao invés de assustar, seduz até a



alma: é um incessante emaranhado e convívio de pedestres, ciclistas, motos, vendedores ambulantes, e até carroças puxadas a burro que circulam dia e noite em harmonia neste labirinto de ruelas, becos sem saída e alamedas cravejadas pelos *souks*.

O povo local é relaxado e os comerciantes deixam a clientela bem à vontade para olhar, tocar e escolher a mercadoria sem fazer muita pressão. Nessa torre de Babel há inúmeros talentosos artesãos enfiados em seus ateliês, mãos à obra esculpindo, tecendo, pintando ou remendando, e sempre atiçam a curiosidade dos turistas.

Tem os *souks* de vestuário, de especiarias, de sapatos, de tecidos... E, claro, há lojas de tapetes, verdadeiros templos onde literalmente se tropeça num mar de cores vibrantes. Difícil é ser comedido com tantas tentações, mas é bom lembrar que nunca se deve arrematar algo pelo primeiro preço ofertado.

No quesito gastronômico, Essaouira ficou irrepreensível. Os estabelecimentos, além de servirem uma comida sofisticada, apresentam uma extensa lista de vinhos e cervejas, principalmente aqueles cujos proprietários são oriundos da França – aliás, o idioma de Molière é o segundo mais falado depois do árabe em todo o país.



Por ser um país muçulmano, alguns restaurantes, como os do mercado de peixes na praça Moulay Hassan, não servem bebidas alcoólicas. Mas nem por isso se deve deixar de experimentar os frutos do mar nestas barracas simples, onde o freguês escolhe e pesa o que quer comer e tudo é preparado na hora. A hospitalidade da cidade se traduz numa eclética infraestrutura hoteleira intramuros, na qual há desde *hostels* a um sofisticado *riad* que pertence à conceituada cadeia de *Relais & Châteaux*.

Apesar de terem permanecido só quatro anos na região, é na Medina que encontramos alguns traços predominantes da influência arquitetônica portuguesa, tais como as pedras marrons que ornamentam muitas construções e os principais portais de entrada. São notórios os investimentos contínuos para restaurar e conservar as muralhas e as fortificações dentro e fora da cidade e ao redor do porto.

A ciclovia ao longo da praia foi ampliada e o calçadão recém-inaugurado está coalhado de novos restau-



rantes. Mas também é de praxe se aventurar nos arredores de Essaouira para explorar as imponentes dunas emolduradas pelo mar, as praias desertas de Sidi Kaouki e a cooperativa feminina na fazenda de argan, um empreendimento onde mulheres do campo se empenham em lapidar, quebrar e extrair o óleo das nozes no método mais primitivo possível.



O óleo é manuseado para a fabricação de dezenas de produtos – cosméticos e comestíveis – que são expostos ali mesmo para a venda. A boa notícia é que estes artefatos cabem com mais facilidade na bagagem do que qualquer um daqueles magníficos tapetes bérberes.

COMO CHEGAR:

Essaouira está a cerca de duas horas de carro do aeroporto de Marrakech. Alguns hotéis oferecem traslado privado até a Medina, mas as companhias de transporte (reservas online) oferecem serviço eficiente por uma tarifa menor.

ONDE FICAR:***L'Heure Bleue Palais***

Esse *Relais & Châteaux* oferece total privacidade em cada uma das 33 acomodações que se debruçam sobre um pátio arborizado.

www.heure-bleue.com

Villa Maroc

Antiga residência de nobres locais, esse *riad* é intimista em todos os ambientes. Do seu terraço se contempla toda a Medina, a praia e o movimento do porto.

www.villa-maroc.com

ONDE COMER:***Umia***

Escondidinho numa das alamedas estreitas rente à muralha, dispõe de poucas mesas, em ambiente despretenso. As receitas são temperadas pela influência gastronômica francesa, com ingredientes regionais.

umia.restaurant@gmail.com



Riad L'Heure Bleue



Restaurante
La Mouette et les Dromadaires



Excursões de quadriciclo

La Mouette et les Dromadaires

Sidi Kaouki fica a apenas 20 minutos de carro desde Essaouira. Entre a vegetação rasteira e à beira da praia deserta, o restaurante é especializado em frutos do mar, mas surpreende com o menu do dia.

<https://lamouetteetlesdromadaires.com/>

DRINQUES & MÚSICA PARA DANÇAR:***Taros Café Restaurant***

Apesar de fecharem em torno de uma da manhã, há muitos lugares para curtir após o jantar. O *Taros* tem ambientes personalizados e atrai uma clientela eclética que dança animada pela música ao vivo.

<http://letaros-essaouira.com/>

COMPRAS:***Souks***

Em cada canto há artesãos em plena atividade, e não faltam as lojinhas de *souvenirs*. Uma boa barganha pode ceifar o preço pela metade!

EXCURSÕES OFF-ROAD DE QUADRICICLO:

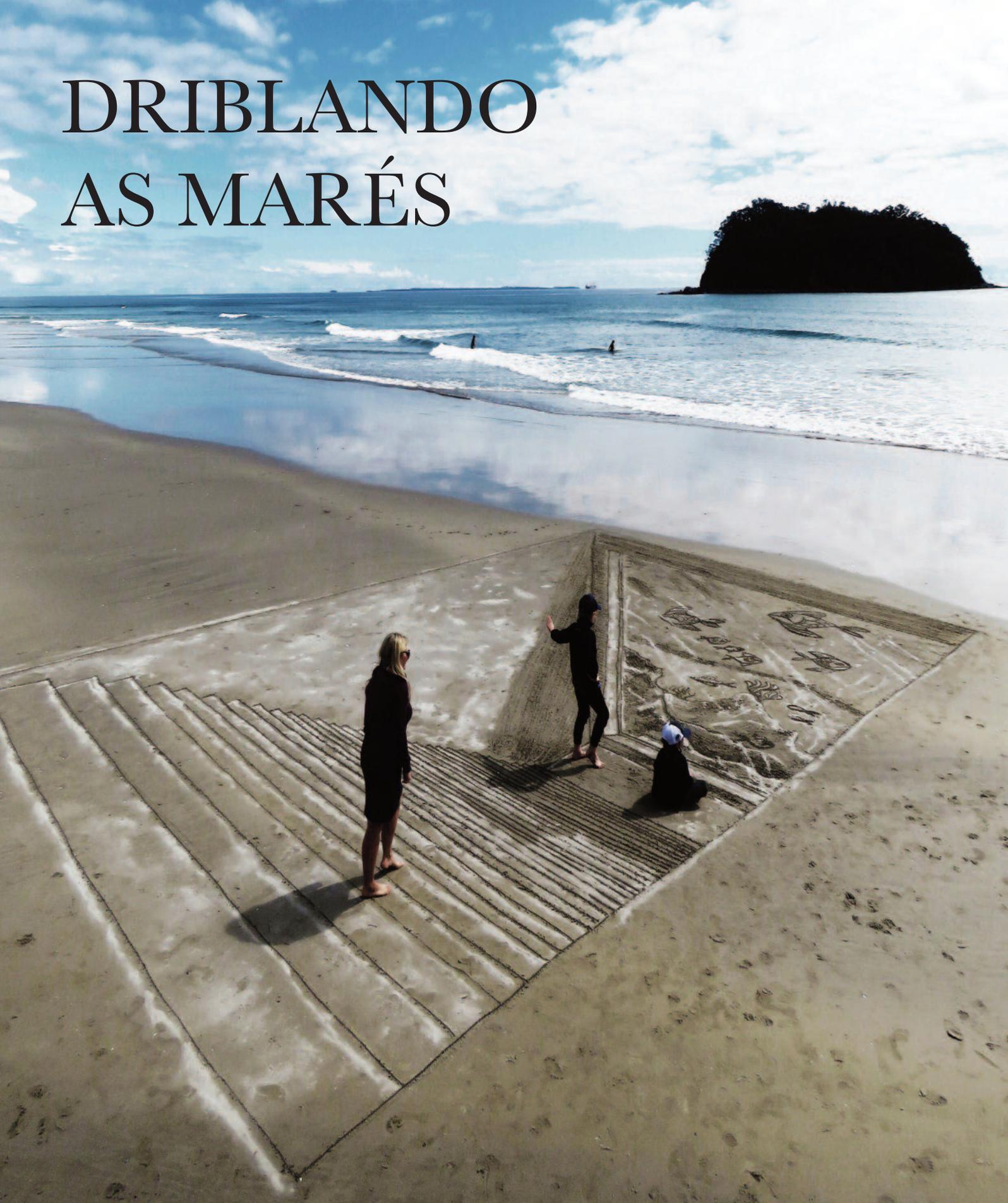
Uma, duas, três horas ou o dia inteiro, você escolhe a duração de uma das aventuras *off-road* mais emocionantes para se fazer fora das fortificações da Medina.

www.palmaquad.com

HAMMAN, ETC, ETC.:

Não se deixou permear pela cultura marroquina quem não experimentou fazer uma típica sessão num *hamman* local: limpeza corporal com produtos à base de óleo de argan, para desintoxicar o corpo e renovar a pele.

DRIBLANDO AS MARÉS





Quem vê as obras do artista neozelandês Jamie Harkins não esquece. Seus monumentais desenhos em 3D realizados na areia das praias impressionam não apenas pelo gigantismo, mas pela perfeição dos traços e, sobretudo, pela forma como as pessoas são inseridas neles. Não raro, crianças e adultos “entram” nos trabalhos de Jamie, tornando-os ainda mais reais.

A arte de desenhar na praia vem da inquietude do artista desde criança, que confessa não ter sido um bom aluno e que no final do ensino médio descobriu que gostaria de dedicar sua vida à arte. Ele frequentou a escola de arte em Hamilton, uma das maiores cidades da Nova Zelândia, durante dois anos, mas teve de desistir por problemas de saúde. Retomou o curso já com mais de 30 anos e iniciou seus trabalhos na areia em 2014.

Suas ferramentas são um bastão e um barbante; o suporte de seus trabalhos, a areia. Seu grande desafio é

concluir os desenhos quando a maré está seca, num período de quatro horas, em média. A *Oxigênio Revista* conversou com Jamie Harkins por e-mail e ele revelou que gostaria de poder mostrar sua arte nas areias do litoral brasileiro.

O que o levou a desenvolver essas anamorfoses gigantes na areia?

Comecei a fazer desenhos na areia por volta de 2014, mas eram apenas rostos grandes, e só depois de ter voltado a estudar me ocorreu a ideia de trabalhar em 3D. Na internet, descobri artistas de rua que faziam grandes obras de giz 3D na Alemanha e em Nova York. O trabalho me inspirou, adoro a ideia de fazer a arte ganhar vida e magia e resolvi tentar. Mas o custo do giz pastel em grande escala é assustador. Também sabia que eu teria problemas para fazer este tipo de trabalho na minha cidade (Jamie nasceu em Tauranga, na *Bay of Plenty*), pois somos altamente ecológicos: a limpeza

traria danos ao meio ambiente, com os pigmentos indo direto para o mar.

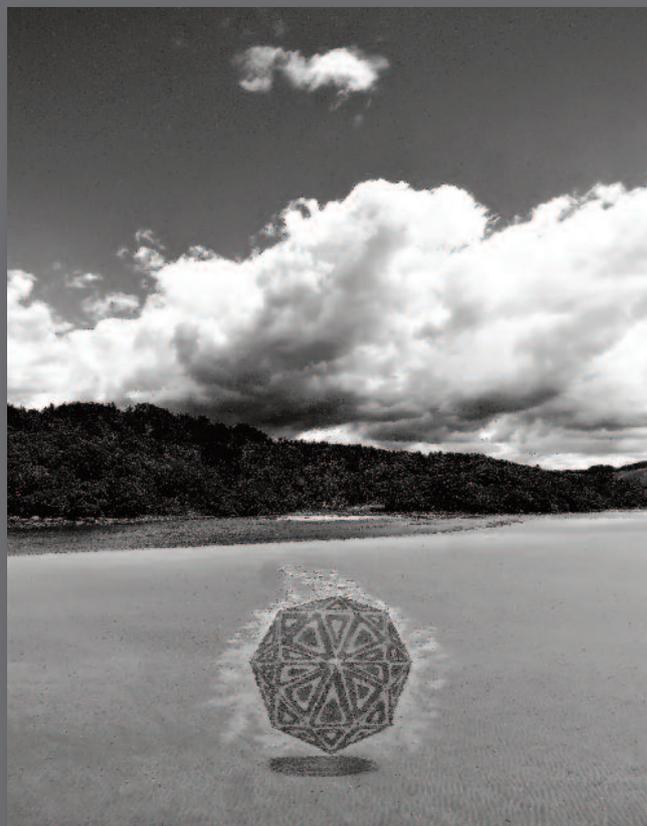
Tive que pensar em algo diferente e foi aí que me lembrei da praia. Para tornar possível minha forma de arte, me abasteci de livros sobre geometria e perspectiva, mas descobri que a matemática envolvida, quando adaptada às regras de uma paisagem irregular como a praia, era impossível. E decidi que iria apenas improvisar. Na Nova Zelândia, nos orgulhamos de ser inovadores sem ter muitos recursos. Então tomei esse *ethos* como meu mantra e pensei que apenas tentaria aprender com meus erros, enquanto os cometia.

Como eram os seus primeiros trabalhos?

Meus primeiros desenhos eram de formas geométricas básicas, como pirâmides. Depois passei a fazer uma forma básica de cadeira. Os erros foram inúmeros, e continuo aprendendo toda a vez que vou à praia com meu bastão e um novelo de barbante.

Quanto tempo, em média, você leva para executar uma obra?

Meu trabalho é muito controlado pelo clima e pela maré. Muita chuva pode levar as linhas e muito sol quente pode fazê-lo rachar e desmoronar. A chegada da maré alta elimina meu desenho, então sei que no meu litoral, perto de casa, tenho cerca de três horas para terminar o trabalho. Tento chegar uma hora antes da maré baixa para me dar bastante tempo. Penso que todo o processo leva aproximadamente quatro horas do início ao fim.





Quando as ondas interrompem o trabalho no meio do processo fica o sentimento de frustração ou você o retoma em outro momento?

Meus desenhos são muito impermanentes, 20 minutos em toda uma linha de existência do mundo. Isso para mim funciona como um lembrete de como a vida é fugaz e quão pequenos realmente somos no universo, me motivando a dar o meu melhor e crescer o máximo que puder na vida e na minha prática artística.

Gostaria que algo do que faço seja lembrado ou que um pedaço da minha criatividade fique gravado na pedra para sempre (como os mestres da arte), mas estou plenamente ciente de que as marés do tempo provavelmente também me levarão embora.

É comum você incluir personagens reais em suas obras, pessoas que você pede para posar em suas fotos. Quando você chega à praia já sabe o que vai fazer ou a inspiração surge na hora?

Meus projetos são geralmente imaginados à noite no escuro, deitado na cama. Imagino a praia e as diferentes coisas que podem acontecer nela. Penso nos fatores de design e em como serão fáceis ou difíceis de concluir. Também penso na resposta do meu público e tento encontrar um aspecto "uau"; outras vezes faço um desenho.

Realisticamente, existem quatro etapas diferentes: a primeira é o design e a execução da obra de arte real; a segunda é organizar os modelos ou pessoas dentro das fotos para criar a ilusão; depois é sobre a fotografia, obter uma ótima imagem que realce a obra, como o cenário ao fundo e a posição do sol. O quarto aspecto é o lado da mídia social, entregando a obra de arte de uma forma envolvente. Meu objetivo é despertar a curiosidade e fazer com que as pessoas descubram que a imaginação é uma ferramenta poderosa e deve ser usada na vida para benefício próprio e alimento para todos.

Até onde sabemos, você não é pago para fazer essas obras, de onde vem essa motivação?

Aprender os ritmos da natureza me tornou um desenhista melhor e agora sinto que o design da natureza é o futuro para o mundo. Sinto que estou ajudando ao explorá-los e compartilhando minhas descobertas artísticas. Recebo uma pequena recompensa financeira ao vender impressões online ou obter dinheiro de comissão de empresas e grupos comunitários ajudando a promover suas boas causas. Também sou pago em viagens quando sou convidado para festivais de arte.

Quais são os principais temas de seu trabalho?

Tento cobrir muitos assuntos, mas existem alguns temas comuns. Gosto de participar um pouco do surrealismo com coisas leves e flutuantes. Esta é uma inspiração direta de Salvador Dali e do ilustrador Roger Dean. Me agrada a ideia de criar um sonho ou imaginar uma realidade desprovida de gravidade. Em outros trabalhos, tento trazer a criança interior para o meu público criando *designs* divertidos e mais lúdicos. Também costumo fazer muitos desenhos geométricos; isso começou com o amor por círculos nas plantações e o mistério que eles guardam.

Você já realizou trabalhos em outros países? Quais?

Em 2015 fui convidado para um festival de artes no deserto de Arava, em Israel. Minha participação envolvia exibição de minhas obras ao vivo, além de dois *work-*



shops. Fiquei em uma comunidade artística no meio do deserto e me disseram que me pegariam todos os dias às 7 horas. Na primeira manhã fui informado que um derramamento de óleo havia acontecido, causando grande dano ecológico. Os organizadores me instruíram, 10 minutos antes de fazer meu trabalho, para incorporar o problema ao meu design e estar pronto

para falar sobre isso em rede de TV nacional – a equipe de filmagem estava a 2 horas de distância!

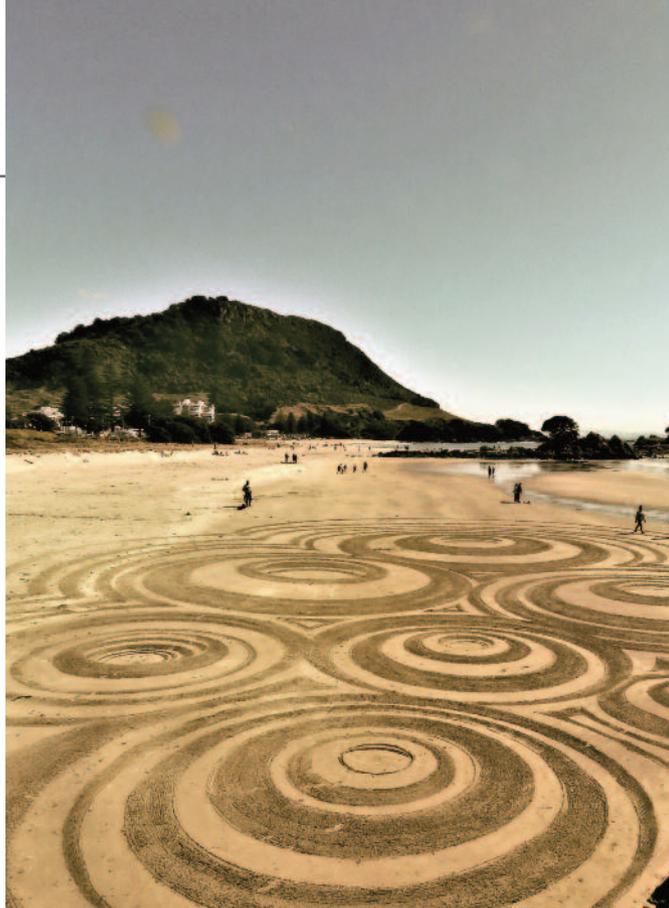
As condições da areia para desenhar eram completamente inadequadas, já havia pedido para regarem a noite toda, mas não ficou compactada.

Tinha uma textura fofa que se desfez quando

passei um pedaço de pau. Felizmente, descobri a solução: colocar diferentes materiais em cima da areia. Trouxemos sacos de carvão e outros materiais de um pátio local, e rapidamente desenhei uma imagem a tempo para as duas entrevistas na TV. Este foi o primeiro dia e o resto do tempo foi cheio de experiências incríveis que nunca vou esquecer.

O litoral brasileiro tem quase 7,5 mil km extensão, com mais de duas mil praias. Já pensou em mostrar a sua arte por aqui? Se houvesse um convite você viria?

Tenho muitos amigos brasileiros que vivem no Monte Maunganui, uma das principais áreas residencial, comercial e industrial de Tauranga, e todos eles me falam sobre a beleza única de seu país. Espero ter a oportunidade de conhecê-lo um dia, e adicionar meus traba-



lhos a alguns dos 7.500 km de belas praias do Brasil. O país tem uma cultura tão rica e seu povo possui as pessoas mais felizes e positivas que conheci... Acho que seria uma aventura e muita diversão.

O acervo do artista está registrado em fotos e vídeos disponíveis nas redes sociais.

Facebook:

<https://www.facebook.com/jamieharkinsartist/>

Instagram:

<https://www.instagram.com/jamieharkinsartist/?hl=pt-br>

Assista os vídeos:

<https://www.facebook.com/jamieharkinsartist/videos/>

<https://www.facebook.com/ThalassaOff/videos/259411851935380>

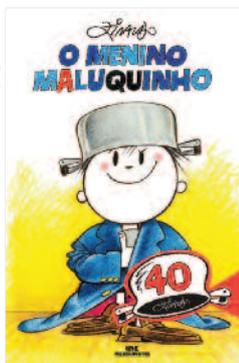


FILHO DE MINEIRO, UAI, MINEIRO É!



Foto: Divulgação

Foto: Editora Melhoramentos / Divulgação



A 1ª Edição da FLITI – Feira Literária de Tiradentes será palco das comemorações dos 40 anos do Menino Maluquinho

A festa de aniversário do Menino Maluquinho será realizada na histórica Tiradentes, a quase 500 km da cidade natal de seu “pai”, Ziraldo, que nasceu em Caratinga, no oeste de Minas Gerais. O evento – que acontece entre os dias 26 e 29 – abre as atividades públicas e culturais da cidade após a quarentena.

A escolha do local da comemoração não poderia ser mais feliz: marcará a 1ª edição da FLITI, evento literário que tem como tema a diversidade cultural mineira, e que contará com participação de escritores locais e na-

cionais, editoras e livreiros, além de Beth Beltrão, uma das mais prestigiadas chefes da gastronomia mineira que irá proporcionar aos visitantes um saboroso encontro com a literatura gastronômica brasileira.

O principal destaque da FLITI será a apresentação da edição comemorativa de *40 anos do Menino Maluquinho* (Editora Melhoramentos), que chega acompanhada de conteúdo extra, com textos sobre o livro, fotos curiosas de Ziraldo, e uma linha do tempo da publicação, destacando as traduções e os títulos mais engraçados. *O Menino Maluquinho* é um clássico da literatura infantil

brasileira, com mais de quatro milhões de exemplares vendidos, 129 edições e publicado em mais de 10 países!

A FEIRA

A 1ª Feira Literária de Tiradentes é gratuita e traz na bagagem o objetivo de incentivo à leitura e ao hábito de ler através do contato com autores, programações lúdicas e atividades artísticas literárias para todas as faixas etárias.

“Tiradentes abriga muitos eventos nacionais e internacionais dedicados principalmente aos turistas, e pensamos em realizar uma atividade agregadora, com a participação dos moradores, valorizando os talentos locais. A cidade, que jamais teve uma feira literária, está engajada na realização da FLITI, que contará com a presença de 25 escritores locais e promoverá o lançamento de livros de alunos da APAE do município”, revela a idealizadora do evento Cristina Figueiredo, da Korporativa.



O ônibus-biblioteca é um dos pontos altos da FLITI. O projeto, desenvolvido pela empresa de Cristina há oito anos, consiste em um ônibus adaptado como uma

biblioteca volante e que contará com um acervo de 2.000 livros para a FLITI. O ônibus funciona como um espaço de leitura e de empréstimos gratuitos de livros (todos desinfetados com aparelho de luz ultravioleta) para os moradores. Entre as opções há livros em braile e audiolivros também. Outra atividade criativa são as *bibliredes*: espaços onde os participantes poderão se deliciar com a leitura em confortáveis redes montadas a partir de totens com livros.

O evento obedece rigorosamente todos os protocolos do *Minas Consciente* – ação do governo destinada a orientar de forma responsável a flexibilização das medidas de isolamento social em cada município. Na Arena Literária, por exemplo, a capacidade máxima é de 25 pessoas (o local tem 50 lugares), e haverá horário especial para os idosos, das 9h às 10 horas. Máscaras e álcool em gel serão distribuídos pela produção, que também irá aferir a temperatura dos participantes.

Seis editoras participarão da feira: *Editora Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes – IHGT* e *Editora Aquários*, ambas de Tiradentes; *Editoras Bambolê* e *Bem-Te-Vi*, do Rio de Janeiro, e as *Editoras Quixote* e *Aletria*, de BH. A *Editora Melhoramentos*, SP, junto com o Instituto Ziraldo, irá doar 100 exemplares da edição especial do *Menino Maluquinho* às escolas da rede pública de Tiradentes. Os escritores Marília Pirillo, Andrea Taubman, Luciana Savaget, Mano Melo e Cláudio Rodrigues participarão da FLITI,

além de Roger Melo que irá realizar uma homenagem ao centenário de Clarice Lispector.

A FLITI acontecerá no gramado do *Santíssimo Resort*, a poucos minutos do centro histórico. Alguns eventos contarão com a presença de um intérprete de LIBRAS para atender aos deficientes auditivos, e os conteúdos produzidos ao longo do evento serão disponibilizados em mídia digital e, ainda, através das redes sociais do evento.

SERVIÇO

1ª Edição da FLITI – Feira Literária de Tiradentes

Data: 26 a 29 novembro

Mídias sociais:

<https://www.facebook.com/feiraliterariadetiradentes/>

<https://www.instagram.com/flitifeiraliterariati-radentes/>

Local: Gramado do *Santíssimo Resort*

Rua dos Inconfidentes, 140, Tiradentes/MG

Parceiros institucionais:

Prefeitura Municipal de Tiradentes

Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

Secretaria de Educação



Santíssimo Resort

Foto: Santíssimo Resort / Divulgação



Matriz de Santo Antônio, centro histórico de Tiradentes

Foto: Ricardo André Frantz / Wikipédia



Foto: de Márcia Cristina Sallum

Beth Beltrão, como o *Menino Maluquinho*, é inquieta. Está sempre buscando novas informações sobre ingredientes, testando novas receitas e sabores. Reconhecida como referência da gastronomia mineira, preside a *Associação dos Restaurantes da Boa Lembrança* e divide o seu tempo entre a cozinha de seu restaurante *Virada's do Largo* (<http://www.viradasdolargo.com.br/>), o contato com produtores locais e as viagens pelo país e pelo mundo, onde demonstra a excelência da culinária nacional. Com o devido sotaque de Minas!

COMENDO COM LETRAS



Convidada pela idealizadora da FLITI para participar do evento, *“da maneira que achasse melhor”*, Beth optou por agregar em um estande a sabedoria dos outros chefes e proprietários de restaurantes da cidade. *“O encontro gastronômico com a literatura brasileira tem que ser abrangente e diversificado. Por isso, a participação de colegas e produtores é fundamental”*, afirma a chefe, ao destacar que *“a feira literária é um presente para a cidade”*.

Beth também é uma grande contadora de histórias. Por trás de cada um dos pratos que cria sempre tem um carretel de fatos. Com seu jeito manso, já convenceu muitos clientes a experimentar ingredientes *“detestados”*.

“A gente tem que provar de tudo, uai. E quando um cliente pede para mudar um prato porque não gosta de alguma coisa, eu mudo, mas levo o ingrediente indesejado para ele provar. E quase sempre dá certo”, diverte-se Beth. Também, pudera! A abordagem, em si, já é atraente: *“oiaqui sô, prova um cadim disso, fiz esse trem danado de bom procê”*.



Editora Melhoramentos / Divulgação

A interação de Beth com os clientes faz a diferença. Inclusive com as crianças – “Tenho amiguinhos de seis, sete, oito anos, que trazem os pais aqui” – conta. Com eles ela também tem um jeito especial de propor pratos infantis contendo produtos nem sempre apreciados pelos pequenos.

– *Lembro de uma vez que um menino de seis anos só queria bife com batata frita. Disse que faria para ele, mas que seria um prato bem colorido, com um pouquinho de tomate, de arroz com um verdinho crocante delicioso e milho verde. Ele respondeu: milho verde, não. Posso provar o milho amarelo? – e assim a gente vai contribuindo para educar o paladar, né mess?*

Na FLITI Beth Beltrão vai contar histórias sobre os alimentos brasileiros, a variedade de nutrientes, a diversidade dos produtos de cada região, o papel fundamental dos produtores locais, os sabores do Brasil catalogados e registrados na nossa literatura, como, por exemplo, no livro de Luís da Câmara Cascudo, *História da Alimentação no Brasil*, de 1967.

– *Existem aproximadamente dois mil tipos de mandioca e a gente normalmente conhece dois ou três; o feijão é outro alimento pouco explorado, com variedades adequadas a inúmeras preparações. Algumas das chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC), que estão se tornando moda no Brasil, têm um valor nu-*

tricional suficiente para suprir as demandas diárias de um adulto e são tão ricas quanto o feijão e o leite – ressalta.

A chefe mantém em sua horta algumas preciosidades como a *Ora-pro-nóbis*, muito utilizada na culinária mineira, e presente em alguns pratos do seu restaurante já há muitos anos. A *fruta do Milagre*, nativa do oeste da África, também compõe o “acervo” das plantações de Beth.

– *Essa fruta é espetacular: contém uma proteína que engana o paladar com alimentos ácidos ou amargos. Se você comer a fruta, pode chupar um limão e o sabor será semelhante ao de uma limonada bem docinha. Um achado e tanto para os diabéticos!* – conta.

Beth Beltrão, mineira da Serra da Canastra, mora há 30 anos em Tiradentes. Em seu restaurante, “*a pressa é inimiga da refeição*”. E além da comida mineira, há opções para todos os gostos, incluindo pratos veganos. – *Por trás de cada prato existe toda a história da nossa*

cultura. Cozinhar é mais do que harmonizar sabores, é trazer para a mesa a nossa memória” – conclui.



Foto: de Márcia Cristina Sallum

“A ARTE É UMA HARMONIA PARALELA À NATUREZA”

Paul Cézanne



Hauser&Wirth e Galeria Messums combinam arte e natureza através de exposições de arte contemporânea, convidando seus visitantes a fazerem novas reflexões sobre a relação entre criação e paisagem

Maria Herminia Donato

O horário de verão terminou, as tardes viraram noites e o país está dividido em zonas de confinamento com diferentes restrições.

Um novo *lockdown* está presente nos países em torno da ilha e a incerteza continua minando o nosso cotidiano. A lembrança da minha recente viagem a Somerset aparece no meu pensamento como uma maneira de evitar que minha narrativa seja negativa.

Há duas semanas peguei um trem para Bruton, com uma amiga. Eu já havia visitado a cidade para uma conferência na Galeria *Hauser and Wirth*, mas agora queria explorar a região, e passei três dias encantadores por lá.

Como essa seria minha primeira vez fora de Londres desde o começo da pandemia, fiz questão de planejar tudo com antecedência como se estivesse indo para uma viagem de férias muito especial. Comprei máscaras usadas pelos médicos para viajar no trem, planejei encontro com amigos em dias e lugares diferentes para que tudo se tornasse memorável e cumprisse a missão de ser aquela viagem inesquecível de 2020.

Bruton fica a aproximadamente 200 km de Londres, perto de Somerset, Dorset e Wiltshire. Na Idade Média foi importante por sua produção têxtil, que deixou como legado uma arquitetura fascinante como a Aba-



Foto: Maria Herminia Donato

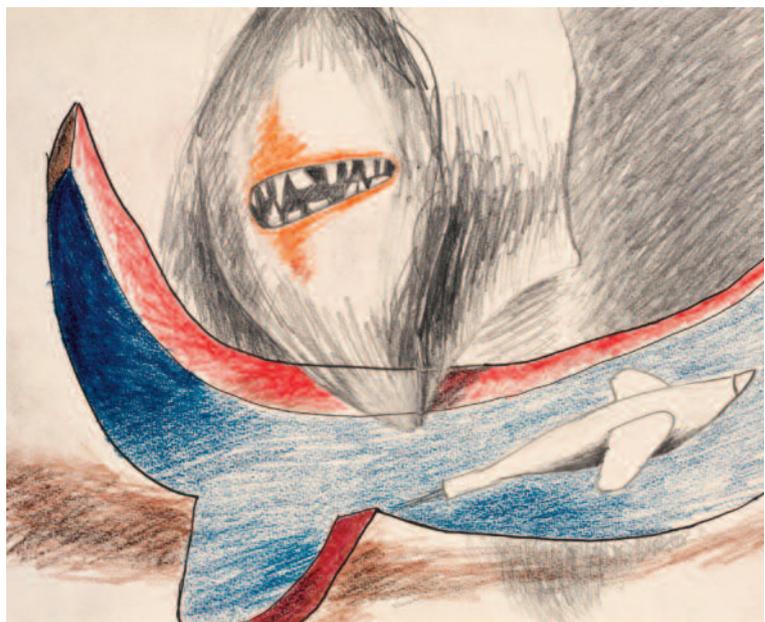
dia de Bruton. De trem (estação Castle Cary), a viagem dura pouco mais de três horas, muito longe para um deslocamento diário e os londrinos que mudam pra lá se adaptam totalmente à vida local.

É uma cidade “cool”, um ímã para o criativo e o não convencional. O nome refere-se ao rio Brue, que por muitas vezes inundou a cidade. Surpreendentemente cosmopolita, a minúscula antiga cidade-mercado se tornou um lugar maravilhoso para se refugiar, graças ao fluxo de galerias de arte, lojas elegantes, lugares badalados para comer e opções peculiares para se hospedar.

Em 2014, foi inaugurada a *Galeria Hauser and Wirth Somerset*, na Fazenda Durslade, nos arredores de Bruton, um local apazível com ovelhas, maçãs e um vinhedo que no século XVIII era uma fazenda modelo, antes de cair em desuso na década de 1990. Hoje, *H&W Somerset* inclui galerias de arte, jardim, restaurante e loja. Além da arte, pode-se dizer que a principal indústria local é a educação com três escolas famosas.

Minha visita, agendada com um mês de antecedência, incluiu a exposição de Lee Lozano (1930 – 1999), pioneira na cena artística de Nova York nos anos 1960 e início dos anos 1970, cujos trabalhos eram baseados nas restrições dos sistemas constitucionais de gênero, poder, dinheiro e política.

Suas pinturas e desenhos usam aviões como imagem central. Segundo a celebrada escritora e curadora Iris Müller-Westermann (atualmente diretora do Museu de



Lee Lozano, *Sem título*

Foto: Barbora Gerny



Lee Lozano, *Sem título*

Foto: Stefan Altenburger Photography Zürich

Arte Moderna, em Malmö, Suécia), esses trabalhos “são metáforas para uma espécie de energia do pensamento – para ideias em circulação, sendo ouvidos e recebidos, processados, produzidos e enviados novamente”.

As obras da artista do início dos anos 1960 são estilisticamente distintas, admiradas por sua fisicalidade furiosa, confiança e energia. Exploram os limites entre corpo e máquina, erotismo e agressão.

A outra exposição que visitei foi a de Nicole Eisenman, artista cujo trabalho já tinha visto na exposição *Radical Figures: Painting in the New Millennium*, na *Galeria Whitechapel* (Londres), e admirado suas grandes telas cuja narrativa relembra as de Hieronymus Bosch.

Eisenman é principalmente conhecida por sua pintura figurativa, tendo desenvolvido uma nova linguagem que combina elementos reais e fictícios. Na *H&W* tive

a oportunidade de ver a sua diversidade de obras de mídia mista sobre papel, escultura e pintura.

A série de desenhos de papel celulose criada nos últimos dois anos combina humor e malícia, justapondo imagem e texto. Os trabalhos são inspirados na linguagem visual das imagens encontradas na cultura popular: cartazes de filmes, anúncios e *memes* da internet.

Um espetáculo à parte são os jardins desenhados por Piet Oudolf, influente *designer* de jardins holandês, incluindo o *Oudolf Field* – com mais de 26.000 plantas perenes herbáceas. Cuidadosamente moldado e plantado, o jardim ecoa a tradição dos jardins clássicos, mas a variedade de espécies e combinações de plantas criam uma viagem perfeita entre as galerias e a paisagem rural de Somerset.



Nicole Eisenman, *Sem título*

Foto: Thomas Barratt



Nicole Eisenman, *Esboço para uma fonte*

Foto: Divulgação

No topo do *Oudolf Field* fica o *Pavilhão Radić*, projetado pelo arquiteto chileno Smiljan Radić. Ele foi instalado na *Hauser & Wirth Somerset* em março de 2015, após sua inauguração no ano anterior na *Serpentine Gallery*.



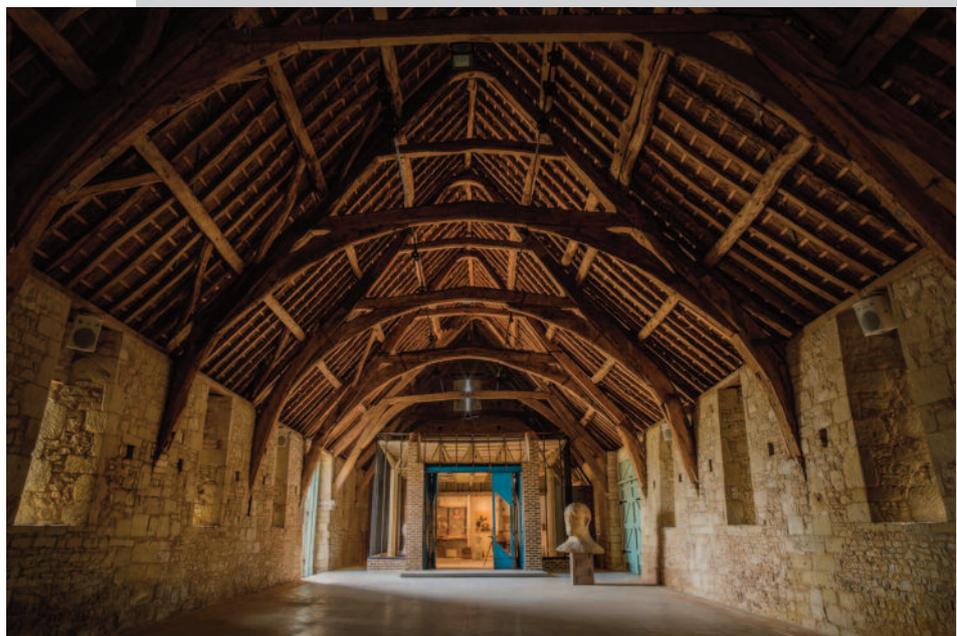
Pavilhão Radić Foto: Maria Hermínia Donato

Para fechar a visita em grande estilo, almoçamos no restaurante *Roth Bar & Grill*, situado nos antigos galpões da *Fazenda Durslade*. O restaurante, liderado pela equipe de marido e mulher Steve e Jules Horrell, trabalha em estreita colaboração com agricultores locais, produtores e jardineiros, para usar produtos com foco na sustentabilidade.

Mais informações em:

www.hauserwirth.com | [@hauserwirthsomerset](https://www.instagram.com/hauserwirthsomerset)

No dia seguinte fizemos uma viagem de carro para a *Galeria Messums*, em Wiltshire. Nosso motorista, que também é escritor de livros para adolescentes, nos entreteve por 30 minutos contando histórias dos



Galeria Messums

Foto: Divulgação

artistas como Pipilotti Rist (artista suíça conhecida por criar videoarte experimental e arte de instalação) e outras celebridades. Esse foi o nosso momento *Caras* da viagem.

O prédio da *Galeria Messums Wiltshire* é um celeiro do século XIII, cuja reforma foi projetada pelos arquitetos *Stiff + Trevillion* e inaugurada no outono de 2016, após um projeto de restauração de dois anos.



Estúdio de Dame Elisabeth Jean Frink; escultura



Fotos: Maria Hermínia Donato

Em setembro de 2017 foi inaugurada a *Galeria Longa*, uma antiga leiteria que fica perpendicular ao celeiro. Essa nova galeria de exposição permanente concentra-se em obras de arte bidimensionais, incluindo pinturas, desenhos, gravuras e fotografias, para complementar a programação no celeiro.

A galeria tem vista para as colinas do *Fonthill Estate*, que já foi propriedade do maior colecionador do século XIX, William Beckford. A galeria e o restaurante estão sendo reformados no momento.

O motivo da minha visita foi o estúdio de Dame Elisabeth Jean Frink, uma escultora e gravadora inglesa, trazido para a galeria.

Frink fez parte de um grupo de escultores britânicos – *Escola de Geometria do Medo*, que incluía Reg Butler, Bernard Meadows, Kenneth Armitage e Eduardo Paolozzi. O trabalho de Frink incluía homens, pássaros, cães, cavalos e motivos religiosos, mas muito raramente formas femininas.

Embora ela tenha feito muitos desenhos e gravuras, é mais conhecida pelas esculturas de bronze, cujas superfícies refletem a maneira como modelava sua obra. A forma tradicional de modelagem é feita pelo uso de argila; Frink modelava adicionando gesso a uma armadura, usando um cinzel à superfície.

Na década de 1960, criou uma série de figuras caído e homens alados. Enquanto morava na França, de 1967 a 1970, começou uma série de cabeças masculinas monumentais e ameaçadoras, conhecidas como "*cabeças de óculos*".

Uma figura masculina alta de gesso domina uma fotografia em preto e branco; ao lado, com os braços cruzados, a figura esquelética de Elisabeth Frink olha fixamente para as lentes. Ela está em seu estúdio, junto ao trabalho em progresso do *Christ Risen (Cristo Ressuscitado)*, concluído no final de 1992. Poucos meses antes da instalação acima da porta da *Catedral Anglicana em Liverpool*, Frink morre de câncer aos 63 anos de idade. Esta é a última fotografia conhecida de Frink em seu estúdio em Woolland em Dorset.

A imagem do estúdio reverbera tanto a sua presença, quanto sua ausência: gesso, armadura, prancheta, ferramentas, suportes e caixas de esculturas, cadeiras, títulos musicais rabiscados na parede acima da pia. Este era seu mundo privado.

Mais informações em: <https://messumswiltshire.com/>

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
tem boas notícias
para dar?

Então seu lugar é aqui.
ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868